

Deslumbramento, fome e medo: facetas da exclusão social em “Um Ladrão”, de Graciliano Ramos

Robert Thomas Georg Würmli¹

Gilmei Francisco Fleck²

Resumo: No seguinte artigo, almeja-se a interpretação e análise do conto “Um Ladrão”, escrito por Graciliano Ramos e publicado em sua obra *Insônia* (1982). No conto, é narrada a situação de tentativa de assalto de uma casa por uma personagem nomeada apenas como “ladrão”. Valendo-se de comentários e análises feitas por Moisés (2007), Miranda (2013), Barros (2010), Cândido (2006), Gimenez (2009), entre outros, objetiva-se revelar como, em uma narrativa curta, Graciliano Ramos expõe a desigualdade social manifesta pela personagem, seu deslumbramento para com figuras belas e como o medo, fome e intenção de mudança humanizam a protagonista e evitam que essa seja tida apenas como um bandido, alguém com quem a lei e a sociedade não devem ter compaixão.

Palavras-chave: Análise literária. Graciliano Ramos. “Um Ladrão”. Desigualdade.

Notas preliminares

Graciliano Ramos, autor pertencente ao que a teoria literária especifica como a segunda geração modernista, produziu um corpo de obras bastante proeminente na literatura brasileira, distanciando-se da grandiloquência e verbosidade visíveis em determinadas obras para criar narrativas mais secas, por assim dizer, nas quais o insumo linguístico, reduzido ao nível de apenas necessário, criava o tom pesaroso, denso e, usualmente, entristecido que as personagens e as narrativas de sua autoria comumente possuíam. Ao longo de sua vida, escreveu algumas das obras mais reconhecidas da literatura brasileira, como *Angústia*, *Caetés*, *São Bernardo*, *Infância*, *Memórias do Cárcere*, entre outras. *Memórias do Cárcere*, por sua vez, figura como obra de fundo autobiográfico, na qual o escritor buscou dar luz e rever como havia sido o período em que foi encarcerado pelo governo brasileiro, após ter sido

¹ Mestrando em Literatura Comparada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, campus de Cascavel-PR. E-mail: thomaswurmli@gmail.com.

² Doutorado (2008) em Letras pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/ Assis. Professor assistente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: chicofleck@yahoo.com.br.

considerado subversivo à nação. Tal fator revela como as narrativas de Ramos foram importantes à sociedade brasileira, uma vez que ele foi preso justamente por soar como um possível ser a alterar o *status quo* estabelecido à época do governo de Getúlio Vargas. Não obstante, a obra, muito embora não seja a única a fazer isso, revela bem uma das temáticas comuns em Graciliano Ramos, já outrora estudada por críticos como Nelly Novaes Coelho: a solidão e o distanciamento do indivíduo.

Conquanto o enfoque de suas obras não recaísse pura e exclusivamente sobre os símbolos da solidão e do distanciamento, é possível notar que, em Graciliano Ramos, essas são forças motrizes que permitem um aprofundamento na *psique* do sujeito a ser estudado em suas narrativas. Logo, há uma compreensão do indivíduo como um ser que sofre pelas imposições que a sociedade, criada também por esse mesmo indivíduo, produz e a desigualdade inerente ao sistema capitalista, que se torna absoluto padrão no Brasil a partir do século XX. Assim, não é a partir da explicitação linguística, calcada no extensivo uso vocabular, que Graciliano tratou de demonstrar as mazelas as quais o sujeito brasileiro estava exposto, mas, de fato, a partir do esmiuçar psíquico e social que permite compreender quais as razões que levam determinado ser a cometer atos que, em outra situação, pareceriam impraticáveis a ele.

Faz-se, entretanto, uma ressalva a esse processo: a partir da redução vocabular e do esmiuçar do psicológico, Graciliano retrata os problemas da sociedade, mas esse destrinchar psicológico de modo algum é exacerbado, tampouco centro da narrativa. Suas obras expõem o pensar, porém, não fazem dele o fulcro central. Como Novaes Coelho (1978, p. 60) escreve,

Nesta sondagem interior, Graciliano não ultrapassa a área psicológica: não chega, como outros pesquisadores da mesma problemática, à especulação do transcendente. Nele o que temos é o mundo objetivo visto através do prisma da alma humana: mundo fragmentado, distorcido, dissolvido em emoções e sensações.

Assim, deve-se lembrar que, embora lide com o psicológico, Graciliano não fará de suas narrativas explorações de fluxo de consciência ou monólogo interior, aos moldes de Joyce, Woolf ou, até mesmo, Clarice Lispector. Seu trato com a *psique* far-se-á com o propósito de dar um subsídio ao leitor atento a fim de que esse verifique o que ocorre com um homem, quando esse é forçado a cometer atos impensáveis anteriormente para ele. Uma válvula, em narrativas com vocabulário “reduzido”, com o intuito de que haja a verossimilhança e empatia para com suas criações. Além disso, como explicitado pela autora, um modo para que, por meio da mentalidade das personagens, possa-se discutir a fragilidade e distorção de um mundo que, crivado por regras e normas, tem de se ater, também, às emoções e sensações inerentes ao indivíduo, independentemente do meio social em que se insere. Tal trabalho acaba por distanciar as personagens e, conseqüentemente, a obra de Graciliano

Ramos como um todo de uma observação estereotipada e clichê da sociedade brasileira e das relações entre diferentes classes sociais, diferentes sujeitos e vidas dentro dessa sociedade.

Nas criações do autor, é possível enxergar um “mundo aflitivo onde a tensão entre a individualidade pessoal e a entidade social gera conflitos que evidenciam a impossibilidade de verdadeira comunicação e comunhão entre os homens” (COELHO, 1978, p. 60), mundo em que mesmo aqueles tidos como bons não necessariamente terão recompensas pela vida passada em suposta retidão e harmonia com as vigentes normas sociais. O posicionamento de Coelho se faz de modo relativamente pessimista, contudo, aplicado à obra de Ramos, esse comentário torna-se plausível e visível, uma vez que a grande maioria das personagens de suas obras, independentemente de suas ações, sofre algum tipo de dúvida ou problema de ordem ética e/ou moral. De Fabiano e seu distanciamento da compreensão do Outro humano a Luís da Silva e sua incompreensão com o assassinato que cometera, é a fragmentação, a emoção e a falta de comunhão, tal como explicitado por Coelho, que figuram como marcas maiores de um mundo que se mostra difícil e tortuoso para qualquer sujeito. Considerando-se, ainda, que ele foi um escritor do século XX, é notável observar que tais características são inerentes a um sujeito que percebera um mundo gradativamente mais “caótico”, pluralizado e impossível de ser explicado de modo totalizador e unívoco.

Esse estilo de produção estético-literária, aparentemente pessimista e descontente para com o mundo, acaba por funcionar de modo ambivalente: ao retratar um universo em que noções como esperança, empatia, compaixão e felicidade continuamente se perdem e são subjugadas por conceitos dissonantes e pouco compatíveis um com o outro, Ramos traz à tona as forças motrizes que desestabilizam o sujeito e fazem com que esse aja de modo, por vezes, inconsistente com suas próprias crenças e perspectivas de mundo. Assim, ao deslocar o sujeito a um mundo difuso, o autor cria a oportunidade para que as forças sombrias que atuam sobre o homem, seus medos, sonhos, paixões e vontades tomem conta de seu ser e determinem, ao menos em partes, as ações que tomará e seu futuro. Assim,

tal estética exprime, na travessia de almas miseráveis, a carga de mágoas e exasperos que se mesclam num processo confuso, revolvem a memória e suprimem o cotidiano – convertem-se, pois, em doença. Ao traduzir as moléstias em técnica literária, o autor arroja as criaturas num mundo nevoento, cujo desequilíbrio rasga uma fresta na consciência: as balizas se apagam e as imagens se refundem magicamente, de modo a iluminar desvãos e remorsos. (GIMENEZ, 2009, p. 242).

Novamente, o que se nota por meio das palavras do pesquisador é a noção de pessimismo imbuída nas obras e no pensamento geral de Graciliano Ramos. Contudo, Gimenez vem ao encontro da noção de mundo difuso quando menciona que os “desvãos e remorsos” humanos ficam explícitos nas narrativas escritas pelo autor. Assim, pretende-se confirmar que, justamente na visão pessimista de mundo há a oportunidade para a ruptura,

para a quebra, para a cisão nas narrativas do escritor. Ao deslocar o sujeito comum de uma vivência também comum, Ramos fornece os subsídios para que o interior humano seja devassado, explorado e trazido à superfície. Logo, reflete-se um universo em que as regras de vivência sociais e as normas de comportamento, incluindo-se a política, religião e quaisquer outros aparatos ideológicos, são dúbias e não conseguem abarcar todo o escopo de pensamento e atuação do ser humano. É nessa fresta, nessa ruptura, que Graciliano Ramos expõe suas personagens e, justamente por isso, é difícil encontrar alguma delas em um estado social, moral e psicológico adequado e unívoco.

Há um ressentimento inerente às personagens das narrativas de Graciliano, e é possível perceber que essa emoção acaba por fomentar várias das ações que elas tomam ao longo das estórias. Principalmente, é perceptível que esse ressentimento acaba por suplantar várias das reações lógicas ou esperadas pelas personagens. No entanto, deve ficar claro que, de modo algum, tal emoção é inédita ou inesperada no ser humano e, novamente, retorna-se a questão de como, a partir de um mundo calcado por uma visão sombria, Ramos tem a oportunidade de escancarar problemas que existem entre homens desde os primórdios da vivência em algum tipo de sociedade. Miranda (2013, p. 40) acrescenta que “é necessário lembrar que a temática do ressentimento é também o tratamento de um conflito universal, vivido pelo ser humano nas várias relações de opressão e de inferioridade/superioridade, desde o início da civilização até a modernidade” e, assim, a questão social volta à tona no contexto de produção do autor. Muitas de suas obras lidaram com a mudança de padrão social, quando a antiga aristocracia rural brasileira dava espaço à recém-formada burguesia rural, bem como com a desigualdade social claramente vista nos centros urbanos brasileiros, em que a divisão de renda e a opressão acabavam por transformar sujeitos supostamente comuns em párias sociais.

Cândido (2006, p. 88) ainda avalia que “num mundo de normas iníquas, as cartadas do comportamento se jogam em torno da capacidade de criar ou não normas alternativas, que permitam a expansão da personalidade. Por isso, no plano das relações, os seus personagens vivem dramas ordenados em torno da vontade”, constatação reveladora acerca de como é formada a construção das personagens nas narrativas de Graciliano Ramos. Uma vez que o mundo, para elas, mostra-se difuso, apático e errático, cabe à vontade tomar conta do ser e, mesmo que essa acabe por infringir a lei, determinar quais serão as ações das personagens.

Ressalta-se, ainda, que, por vezes, a vontade vem como reação secundária a outro fator. Em casos como no conto “Um Ladrão”, publicado em *Insônia*, observa-se que a vontade de transgressão da protagonista surge como reação ao estado de fome pelo qual passava e como proposta para possível mudança de vida. Atente-se ao fato de que essa fome jamais é apenas física/biológica; está perpetuamente associada à falta existencial, à fome do ser. Os

roubos não eram apenas revoltas contra a sociedade, mas modos de sobrevivência, tanto que deixavam o ladrão nervoso e paranoico. Entretanto, não havia saída para ele, não no mundo sombrio em que se encontrava. Assim, nota-se como o sistema de mundo fechado que Ramos cria funciona para que suas estórias cheguem às conclusões almejadas, tanto sobre o homem quanto sobre a sociedade na qual esse vive.

Portanto, partindo da interpretação do conto “Um Ladrão”, almeja-se avaliar como se dá o processo de fome enquanto motivador das ações da personagem principal, como ocorrem o medo e paranoia no ladrão durante o roubo à casa e, finalmente, como, em um processo de deslumbramento por uma figura tida pelo ladrão como bela, fomenta-se a derradeira ação motivada pela vontade, que terminará por levá-lo à prisão e ao trágico destino final do homem, culminando, também, no final da narrativa.

Espera-se avaliar como a desigualdade social motiva o ser a cometer atos que outrora não faria, uma vez que é notável como o ladrão de modo algum se sente confortável com a situação, tampouco se mostra apto a cometer os furtos de modo tranquilo e “profissional”. Suas motivações partem do princípio da sobrevivência, principalmente ao observar-se que o homem pouco sabe sobre crimes e como cometê-los, as constantes observações feitas à paranoia que sente ao estar dentro da casa e as referências à comida, diversas vezes feitas durante o conto.

Deslumbramento, fome e medo: facetas da exclusão social em “Um ladrão”, de Graciliano Ramos

No conto de Graciliano Ramos, é narrada a história de um ladrão, não nomeado ao longo da narrativa, que, ao adentrar uma casa de, provavelmente, classe média alta, comete um furto, assusta-se, encontra uma mulher dormindo e, após um momento de deslumbramento, beija-a, ação que desencadeia sua prisão e conseqüente final triste para a personagem. Na narrativa, entretanto, é possível notar como são feitas críticas sociais ao modelo socioeconômico imposto, uma vez que a personagem de modo algum se mostra apta ao furto e, durante o mesmo, pensa em usar o dinheiro proveniente do roubo para mudar de vida e construir algo digno segundo os preceitos de vivência padronizados pelos indivíduos pertencentes, ao menos, à sociedade ocidental.

A fome, o medo e até a raiva que o ladrão sente ao longo do conto dão subsídio para que se compreenda como o homem fora impelido a cometer esses atos por uma necessidade maior, não explicada na narrativa, mas que o faz roubar por sobrevivência. Inapto, em vários momentos, amador, em outros, o ladrão torna-se arquétipo da exclusão social, indivíduo que, devido à desigualdade presente no sistema, não tem opção válida para sua vida, recorrendo ao

crime como solução. Os sentimentos que tem também o humanizam, fator importante na narrativa, para que se veja ele como um sujeito qualquer, transformado em pária não por atitudes ou características próprias, mas pela arbitrariedade do sistema socioeconômico vigente.

O conto inicia-se com

O que o desgraçou por toda a vida foi a felicidade que o acompanhou durante um mês ou dois. Coisa estranha: sem nenhuma preparação, um tipo se aventura, anda para bem dizer de olhos fechados, comete erros, entra nas casas sem examinar os arredores, pisa como se estivesse na rua - e tudo corre bem. Pisa como se estivesse na rua. É aí que principia a dificuldade. Convém saber mexer-se rapidamente e sem rumor, como um gato: o corpo não pesa, ondula, parece querer voar, mal se firma nas pernas, que adquirem elasticidade de borracha. Se não fosse assim, as juntas estalariam a cada instante, o homem gastaria uma eternidade para deslocar-se, o trabalho se tornaria impossível. (RAMOS, 1982, p. 19).

Primeiramente, observe-se que, tal como Edgar Allan Poe o fez em “O Barril de Amontillado” e “O Gato Negro”, Graciliano Ramos, por meio de seu narrador, faz questão de deixar claro desde o primeiro parágrafo, desde a primeira linha do conto, que a narrativa a se seguir será uma de desfecho triste. Ao mencionar o termo “desgraçou”, dá-se a entender que os fatos a ocorrerem serão espécies de explicação para o que houve ao homem, figura principal da narrativa. Não obstante, a partir do linguajar conciso e seco, o narrador destaca ainda dois outros fatores logo ao iniciar da estória: o amadorismo e falta de sapiência sobre roubos do sujeito, uma vez que ele é retratado como alguém que não havia se preparado, que comete erros, não examina os locais e, além disso, anda como se estivesse na rua, sem o mexer de um gato. Falta-lhe, aparentemente, a malícia do gatuno, necessária para furtos e para esgueirar-se e adentrar casas sem ser percebido.

O segundo fator a ser destacado é o fato de o sujeito ter tido uma felicidade momentânea, aparentemente incompatível ao modelo de vida escolhido por ele. Revela-se o mundo crivado por um pessimismo latente, comum às narrativas de Ramos, bem como a percepção de como há variáveis no sujeito que não permitem que essa narrativa tenha um desfecho feliz para ele. Massaud Moisés (2007, p. 120) vem ao encontro dessa perspectiva quando avalia que, no primeiro parágrafo do conto, tem-se o mote, motivo e moral da estória como um todo, além de evidenciar o “conhecimento resignado e tenso da realidade cotidiana” presente na narrativa e no estilo de escrita geral de Graciliano Ramos.

Na continuação da narrativa, há diversos elementos norteadores para a compreensão de quem é o ladrão. Ser não nomeado, com o intuito de transformá-lo não em um indivíduo, mas em alguém que reflete todo e qualquer sujeito rechaçado pelo sistema e transformado em pária social sem direito a questionamentos ou reflexões acerca dele. Além de não ser nomeado, o homem é transformado, concomitantemente, em um sujeito comum, inapto àquilo

que pretende e incapaz de cometer furtos, devido à ignorância inicial comum a qualquer um em relação a determinado assunto sobre o qual pouco fez ou estudou, bem como em um reflexo de um sistema carcerário e, conseqüentemente, social e político, que cria o pária, renega-o, encarcera-o para, finalmente, ensiná-lo a como agir. Isso fica evidente também ao início do conto, quando se tem a menção de que

No começo usam sapatos de corda - e ninguém desconfia delas: conseguem não dar nas vistas, porque são como toda a gente. Nenhum policia iria acompanhá-las. Se não batessem nos móveis e não dirigissem a luz para os olhos das pessoas adormecidas, não cairiam na prisão, onde ganham os modos necessários ao ofício. Aí apuram o ouvido e habitua-se a deslizar. (RAMOS, 1982, p. 19).

Intensa crítica social é feita nesse momento, em que o narrador conscientemente escolhe comentar como é após o tempo na prisão que o homem aprende a, de fato, ser ladrão. Reflete-se novamente um mundo sombrio, em que o sistema social vigente acaba por criar e ensinar ao sujeito, que esse mesmo sistema optou por rechaçar, como sobreviver e como ser bem sucedido em empreitadas criminosas. Além disso, é importante observar que a instância narrativa implica, por meio das palavras as quais utiliza, a noção de que somente nas sombras, somente no não reconhecimento, existe um lugar para o criminoso. Enquanto ele não existir, *per se*, suas ações serão possíveis e ele terá um nicho de sobrevivência. Graciliano Ramos faz esse comentário no momento em que menciona como aqueles que não dirigem a luz aos olhos das pessoas se mantêm fora da prisão. Embora faça comentário específico à narrativa que seguirá, pode-se argumentar como há uma nova crítica social sendo feita, na qual Ramos compreende que somente na inexistência o criminoso pode “existir”. Finalmente, seguindo o pensamento de Moisés (2007), outro mote central do conto surge nesse momento. O homem, a figura principal do conto, não é um ser que já aprendeu a “deslizar” e a não bater em móveis. Seu amadorismo é evidente na narrativa, demonstração, novamente, da incapacidade dele em cometer crimes.

Esse amadorismo será tornado explícito durante a narrativa, juntamente a noções de medo e paranoia. Após ter escolhido a casa alvo para o furto, o ladrão parte para a realização do mesmo. Porém, questiona-se sobre possíveis testemunhas, fracassos, erros e demais problemas possíveis ao longo do ato. Considera, por vezes, que falhará, e examina os arredores antes de adentrar a propriedade. Nesses trechos, o amadorismo fica evidente, a partir da ótica de mundo do próprio ladrão, que perde o foco suposto a ter e passa a considerar variáveis e hipóteses desimportantes para seu ato. Nota-se isso quando é narrado como “o que mais o aperreava era o diabo da tremura nas mãos. Estava quase certo de que o garçom lhe estranhava a palidez. Saiu para a calçada e ficou indeciso, olhando o morro, enxugando no lenço os dedos molhados” (RAMOS, 1982, p. 23), em que o suor e o tremor das mãos são

sinais claros da incapacidade e medo que existem dentro do não nomeado protagonista, aliados à adrenalina aumentada com um evento incomum/perigoso.

Mais além, narra-se que “de repente sentiu grande medo, pareceu-lhe que o observavam pela frente e pela retaguarda, achou-se impelido para dentro e para fora do jardim, a rua encheu-se de emboscadas. A janela escureceu, os óculos do homem da loja sumiram-se. Pôs-se a tremer, as ideias confundiram-se [...]” (RAMOS, 1982, p. 24) e é visível que, em ambos os trechos, pode-se observar como o medo se transforma em paranoia e em uma irreal ideia de importância. Sendo um sujeito qualquer, supostamente não haveria motivo para que as pessoas o olhassem e desconfiassem de sua índole e suas intenções, contudo, o ladrão, motivado pelo pavor que cerca seu ser, não mais enxerga a realidade de modo a compreender racionalmente os eventos que se passam. Sabendo que cometeria um crime, automaticamente ele pressupõe que todos ao seu redor já sabem disso também e, portanto, são inimigos dele. Seus norteamentos se desfazem e os olhos dos homens desaparecem, nada mais é compreensível a ele. Ressalva pode ser feita nesse momento, afinal, de fato, há um processo criminoso a ocorrer e, logo, justifica-se o temor da personagem. Contudo, nota-se que esse comportamento aparenta ser inerente à vivência dela, o que revela uma *psique*, ao menos em partes, perturbada.

Finalmente, a maior mostra de amorismo ocorre já dentro do domicílio, quando o ladrão dá exorbitantes sinais de falta de preparo e noção para o ato que cometera. Dentro da casa de estranhos, procurando não ser ouvido ou visto, devendo sair o mais rapidamente possível, tem-se o seguinte trecho:

Afundou no assento gasto. As rótulas estalaram, as molas do traste rangeram levemente. Ergueu-se precipitado, encostou-se à parede, com receio de vergar os joelhos. Se as juntas continuassem a fazer barulho, os moradores iriam acordar, prendê-lo. Achou-se fraco, sem coragem para fugir ou defender-se. Acendeu a lâmpada e logo se arrependeu. (RAMOS, 1982, p. 26).

Primeiramente, o medo transformado em paranoia em relação à perseguição e aos sons da casa, não necessariamente à ação em si. O receio que o barulho de seus joelhos acorde os que habitam a casa, aliado ao som das molas da cadeira na qual sentara. Seus movimentos não são os de um gato, logo, não desliza, mostra, mais uma vez, de amorismo. Finalmente, é incomum avaliar que um ladrão experiente e em plenas faculdades mentais dar-se-ia ao luxo e risco de sentar em uma cadeira durante um roubo, muito menos acenderia um lâmpada, marca óbvia de despreparo para o ato. O medo tomara conta do ser e esse não mais agia de modo racional, o que evidencia o amorismo e despreparo do ladrão. Caso fosse interceptado por alguém, seria pego, como sugerido pelos pensamentos do homem, explicitados pelo narrador.

Contudo, o indivíduo permanece em seu objetivo de furto e, a partir de então, começa a ficar mais evidente o porquê de isso ocorrer. Em suma, duas forças motrizes impelem-no a

cometer o ato criminoso: a fome que sente, física e existencial, retrato da desigualdade social e do fracasso do sistema político brasileiro em absorver a pluralidade de seus indivíduos e a intenção de mudança de vida perene a sua existência. A primeira dessas características, embora explicitada em diversos momentos, surge como uma espécie de força latente ao ladrão; ele não comete os furtos pensando em se alimentar, mas a fome é uma das propulsoras desses atos. O segundo fator, entretanto, além de ser explicitado repetidas vezes no conto, dá ao sujeito a oportunidade de imaginar um mundo futuro idealizado e, portanto, escapar da realidade que o cerceia e o diminui enquanto indivíduo social e ser humano; uma fome quase metafísica, pautada na procura pelo saciar de uma vida em sistemas socioeconômicos que subjagam e retiram, por vezes, do indivíduo a liberdade de atuação e tomada de consciência crítica.

Acerca da fome, antes mesmo de ele adentrar a casa, já é notável como essa é motivo que permite ao ladrão considerar o furto com maiores forças. Em determinado momento, é mencionado que “pensou num queijo visto sobre a geladeira e sentiu água na boca” (RAMOS, 1982, p. 23), enquanto examinava a casa há alguns dias. O queijo, aparentemente reles e inútil, é prêmio tão importante ao homem quanto os bens de valor monetário que retiraria, possivelmente, do crime. Assim, subjaz à narrativa o fato de a fome, também, mover o homem, bem como a crítica social imbuída nesse comentário feito pela instância narrativa.

O protagonista reconhece que tem fome, mas busca evitar fazer dela motivo para o roubo e, portanto, dá-lhe pouca importância. Por vezes, mente a si e renega suas vontades, como em “vira um queijo sobre a geladeira dois dias antes. Chegou-se à escada, apoiou-se ao corrimão, voltado para a copa. Realmente não tinha fome. Sentia uma ferida no estômago, mas a boca estava seca. Encolheu os ombros. Estupidez arriscar-se tanto por um pedaço de queijo” (RAMOS, 1982, p. 26). Neste trecho, nota-se como a voz enunciativa do conto cede espaço a do ladrão que, primeiramente, diz não ter fome, evidência desmascarada e contradita na oração seguinte, quando se sabe que sentia dor no estômago e, logo após, que tinha a boca seca. Necessita-se observar que esses dois comentários são feitos como espécies de explicações que o ladrão dá para justificar como não sentia fome, contudo, elas provocam exatamente o efeito contrário, demonstrando como, de fato, a fome era clara e presente constantemente no homem. Finalmente, o roubo em si passa a ser questionado, quando o pensamento do ladrão refletido pelo narrador dá a entender que ele considera estúpido se arriscar por um queijo. Subliminar a essa ideia, fica a noção de que ele realmente pensou em roubar o queijo, sugerindo que o roubo de bens vendáveis e valiosos economicamente tenha ficado em segundo plano. A fome toma conta do ladrão. Uma fome muito além daquela experienciada por quem não teve o que comer. Uma fome pautada na falta, na mágoa, no não ter.

Ao ser envolto pela fome, o ladrão perde ainda mais contato com a realidade que o circunda e com o pensamento racional, culminando no ato que faz já dentro da casa que iria roubar. Ao ter sua meta suplantada pela fome, medo e amorismo, o homem rende-se aos seus instintos, à sua necessidade de alimentação e é narrada a seguinte cena:

Onde estaria o queijo que na antevéspera se achava em cima da geladeira? Procurou-o de balde. Entrou na cozinha, mexeu nas caçarolas, encontrou pedaços de carne, que devorou quase sem mastigar. Lambeu os dedos sujos de gordura, abriu devagarinho a torneira da pia, lavou as mãos, enxugou-as ao paletó. Respirou, consolado. A tontura desapareceu. (RAMOS, 1982, p. 33-34).

Ao invés de focar em entrar e sair da casa despercebido, levar os bens materiais que precisava furtar, escapar incólume à situação, o ladrão deixa-se levar pela fome, mastiga o que encontra de modo animalesco, dá-se ao trabalho de lavar as mãos após isso e, a partir de então, começa a recompor-se. Novamente, percebe-se uma personagem humanizada justamente por sua visão turva de mundo. Um homem, como qualquer outro ser humano, que tem fome, que sente necessidades e que, por vezes, rende-se ao caos e aos instintos, contrário ao que a racionalidade sugeriria. O desequilíbrio sobre o qual Gimenez (2009) escreve faz-se notável mais uma vez, e é nesse espaço aparentemente ruim que Graciliano Ramos consegue humanizar suas personagens e demonstrar a necessidade de se discutir o que a sociedade faz ao ser humano e vice-versa. Além disso, torna-se impossível ver o ladrão, quando dotado dessas características, como um ser tão distinto que a empatia torna-se impossível. Sente-se a fome e o desespero presentes em seu âmago e, logo, sente-se também compaixão por sua situação. O autor, por meio do narrador, evita, assim, que se avalie de modo seco e unilateral a situação sendo narrada. Não obstante, como Cândido (2006) argumenta, tem-se em Ramos personagens crivadas pela vontade, seres que a sobrepõem àquilo que a racionalidade obrigaria elas a fazer.

Em relação a essas vontades, é notável avaliar que

Na obra de Graciliano Ramos há duas componentes bem marcadas que constituem por assim dizer o nervo da sua estrutura: uma de lucidez e equilíbrio, outra de desordenados impulsos interiores. A tendência dominante do seu espírito visa à primeira, e baseado nela constrói a expressão desataviada e parcimoniosa, a clara geometria do estilo. Todavia, mesmo quando ela se impõe e predomina, chegamos a sentir correntes profundas de desespero, e a certos passos até desvario (CÂNDIDO, 2006, p. 83).

O teórico Antônio Cândido, pertinentemente, comenta como o estilo de Graciliano Ramos é calcado na hipótese de sujeitos que buscam a lucidez, mas constantemente perdem-se em meio a impulsos. Como forma de estilo, tal característica cria o molde que permite ao autor construir personagens que, em meio a toda calma e racionalidade, acabam por perder-se a vontades, paixões ou desesperos internos a suas *psiques*. Embora aparentemente

contraditória, essa noção reflete, novamente, o processo de humanização e verossimilhança que Ramos emprega na construção de suas personagens e suas narrativas. No caso do conto “Um Ladrão”, é a partir dessa característica inerente às personagens do autor que é possível compreender como o homem, embora em meio a um furto, possa se perder devido à fome e desfocar suas ações com o intuito de sanar a fome que sentia. Mais uma vez, isso também servirá para aprofundar o processo de crítica social inerente ao conto, pois possibilita que se veja o ladrão como um ser com pensamentos, vontades, medos e instintos, privado de certas necessidades por motivos não explicados, mas ligados ao sistema vigente que faz dele um pária e alguém deslocado da suposta normalidade.

Após saciar a fome e tomar conta de seu ser, o ladrão passa a furtar a casa, encontrar bens e vasculhar os aposentos. Assustado e arredio, avança com percalços, contudo, um sentimento derrotista e profético passa a tomar conta de sua consciência. A partir desse pensamento, duas hipóteses surgem em sua mente: a de que fracassaria e acabaria por ser pego durante o furto ou a consciência de que era possível não alterar sua existência do modo que queria, caso fosse bem sucedido. Em relação ao primeiro sentimento, observa-se ele em trechos como “era quase certo não se sair bem nesse pulo arriscado. Falharia, sempre falhava” (RAMOS, 1982, p. 26), em que o derrotismo, aliado à visão pessimista de mundo, delineiam o sentimento de falha e eventual fracasso do ladrão, em uma primeira instância, durante o furto, e em último momento, na vida como um todo. O advérbio “sempre” auxilia no processo de visualização do fracasso como rotineiro e inerente à existência daquele homem, além de fornecer uma espécie de tom profético desesperançoso ao homem e à narrativa. Em outro momento do conto, narra-se que “O que o preocupava naquele momento, porém, era menos o receio de ser preso, que a convicção da própria insuficiência, a certeza de que ia falhar. As mãos tremeriam, as juntas estalariam, movimentos irrefletidos derrubariam móveis” (RAMOS, 1982, p. 28), retratando um estado psicológico deveras alterado e inapropriado para o momento do furto. O ladrão tem pouquíssima confiança em si, pensa em fracassar e tal ato reflete todo o temperamento de um sujeito cujas vontades foram tolhidas pela desigualdade, tendo de mover-se, a partir de então, na ilegalidade e nas sombras, pautado em vontades próximas às do instinto. Barros (2010, p. 5) avalia que “a predisposição dos indivíduos para mudar sua realidade é frágil; assim, as iniciativas transgressoras ganham ares de derrota, mesmo antes de concluídas”, demonstrando como o derrotismo e o fracasso são características intrínsecas e comuns às narrativas de Graciliano Ramos. O ladrão teme fracassar e até o espera, antes mesmo de estar próximo à conclusão do furto.

No entanto, durante o furto, o homem começa a ficar mais calmo com a situação e inicia a ser bem sucedido em sua busca por bens a serem roubados. Pensamentos tomam-lhe novamente a cabeça e ele começa a indagar sobre o que faria após o furto, como utilizaria o

dinheiro ganho e os bens vendidos. Nesse momento, começa um processo de idealização e fuga do ladrão. Cansado e sábio da sua incapacidade de continuar naquela vida, cansado de seu amorismo, começa a formar planos que o transformem num ser digno, segundo os preceitos de vivência determinados em sociedade. Assim, passa a ser humanizado novamente, pois se sente mal com o que comete, sabe de sua incapacidade e planeja um idealizado futuro melhor para si mesmo. Isso se evidencia em “bem, contaria depois a grana, quando estivesse calmo. Abandonaria o morro e iria viver num subúrbio distante, onde ninguém o conhecesse, largaria aquela profissão, para que não tinha jeito. Nenhum jeito” (RAMOS, 1982, p. 30), em que, novamente, por meio da voz do narrador, o pensamento do ladrão é explicitado e sua inaptidão, bem como seus medos, são evidenciados. No mesmo trecho, outro momento importante de narração é oportunizado, quando, tentando contar quanto havia roubado, tem-se a menção de que com aqueles valores ele poderia “criar vergonha, sim senhor, o que tinha ali dava para criar vergonha” (RAMOS, 1982, p. 30), trecho ambivalente em sentidos. Primeiramente, tem-se novamente a indagação de um possível futuro melhor para o ladrão após esse furto, modo de ele escapar da realidade que o circunda e fomentar o ideal de uma vida mais segura e digna. Em um segundo momento, há uma nova crítica social implícita no comentário, pois se sugere que qualquer vida digna só é possível por meio de uma certa quantia de dinheiro. A vergonha, no caso, só seria possível para aqueles abastados ou favorecidos economicamente. A crítica ao sistema é feita de modo implícito, porém, contundente.

O ladrão sucumbe às vontades e a seus sonhos, deixa-se levar pela idealização e constrói todo seu futuro, incluindo o que faria e como lidaria com sua vida após utilizar o capital acumulado durante o furto. Percebe-se isso no trecho que se inicia com

Alisou as cédulas, dobrou-as, guardou-as, abotoou-se. Um capital. Sentia frio e fome. O guarda devia estar cochilando lá embaixo, à esquina do café. Levantou a gola. Um capital. Estabelecer-se-ia com um café no subúrbio, longe do Gaúcho e daqueles perigos. Café modesto, com rádio, os fregueses, pessoas de ordem, discutindo futebol. Tinha jeito para isso. Ouviria as conversas sem tomar partido, não descontentaria ninguém e fiscalizaria os empregados rigorosamente. Um patrão, sim senhor, fiscalizaria os empregados rigorosamente. E Gaúcho nem o reconheceria se o visse, gordo, sério, bulindo na caixa registradora. Naturalmente. Apalpou a carteira, sentiu-se forte. Bem. Contanto que não fossem fuxicar política no café. Esportes, coisas inofensivas, perfeitamente; mas cochichos, papéis escondidos, isso não. Tudo na lei, nada de complicações com a polícia. (RAMOS, 1982, p. 32-33).

Não basta apenas pensar e sonhar com uma vida digna e um futuro idealizado melhor, o ladrão sucumbe de tal forma a seus desvarios que sonha como trataria os clientes de seu café e como evitaria discussões políticas, acobertamentos, ou qualquer espécie de atitude que dê a ele a sensação de sombrio ou esgueiro. Nada ocorreria fora do padrão, ele teria uma vida perfeitamente normal e em concordância com as regras impostas pelo sistema e, portanto,

seria feliz. De certa forma, sucumbe ao provérbio “ignorância é uma benção”, pois espera que, no controle e na liberdade imposta pelas leis e pelas regras, haja a felicidade e plenitude que há tanto ele buscava. Acha um nicho no qual aparentemente funcionaria, diferentemente do crime, em que era inapto, uma vez que avalia ter jeito para conversas, fiscalizações e atendimento de pessoas.

Não seria reconhecido pelas pessoas de seu passado, incluindo Gaúcho, figura tratada apenas por passagem no conto, mas que teria apresentado e ensinado ao ladrão as regras e modos de furtar alguém ou algum lugar. Não teria complicação alguma com a polícia, reflexo do medo que sentia das autoridades e das forças de repressão do sistema. Seria rigoroso, outra vez idealização, uma vez que o homem, muito provavelmente, teria até então sido sempre um subalterno. Com o capital adquirido, havia a oportunidade de ser o chefe, ter *status* e um papel social que lhe imbuísse alguma importância. Além disso, ao momento desse devaneio e idealização, observe-se que novamente há sinais da pobreza e desigualdade inerentes ao ladrão, uma vez que ele sente frio e fome, bem como um provável medo, já que questiona onde o guarda poderia estar e se estaria dormindo.

Barros (2010, p. 6) julga que “quando pensa no futuro só há uma resposta: a fuga. Talvez seja oportuno colocar que a expressão ‘fuga’ no lugar de ‘partida’ sugira que a sensação de estar preso já é presente ao personagem. Mesmo não estando entre as grades, não está livre”, apontando que a personagem do ladrão já sentir-se-ia tão cerceada pelo sistema, pelas desigualdades, pela vida que tem, que a fuga seria o único símbolo a ser buscado por ela. Não existiria possibilidade de ir embora, qualquer opção seria uma fuga, independentemente do que. Sair da casa incólume se constituiria em fuga, bem como evitar Gaúcho, assim como mudar de vida e construir um negócio digno e apropriado à vivência em sociedade. O futuro é fuga também do presente em si, pois esse se mostra arredo, pessimista e, inevitavelmente, triste à personagem. Assim, o deslumbramento da personagem com a possibilidade de um futuro diferente daquela vida do presente faz com que o ladrão novamente perca-se em pensamentos. As vontades sobrepõem-se, mais uma vez, à racionalidade e a única esperança que resta ao homem é sonhar com o que poderia ser, assim evitando o que realmente era.

Chega-se, nesse ponto, ao derradeiro ato do ladrão. Perdido nas fugas, sublimações e idealizações que conjurara, saciado momentaneamente da fome que sentira e absorto em ideias de uma vida digna, o protagonista comete o erro que acabará por lhe custar tudo. Avistara um corpo feminino dormindo em um dos quartos e aquilo lhe trouxe lembranças de uma jovem de olhos verdes a quem provavelmente fora próximo afetivamente no passado. Movido pelo impulso, tem-se, em primeira instância, a narração sobre como ele “achou nela traços da menina de olhos verdes. O coração bateu-lhe demais no peito magro, pareceu querer

sair pela boca. - Estupidez” (RAMOS, 1982, p. 30), notável sinal de como o deslumbramento com a situação como um todo alcança novo enfoque e chega à conotação afetiva/sexual. Embasbacado com o que poderia ser seu futuro, o símbolo passado do afeto feminino torna-se a nova fuga do presente e ideal para o porvir. Sabe ser estupidez tal ação e explicita-o, dessa vez de forma direta, sem a intervenção do narrador. Contudo, impossibilitado de mudar, o ladrão chega ao ápice do deslumbramento mesclado ao desvario e tem-se o seguinte trecho:

E daí em diante, até o desfêcho medonho, não soube o que fez. No dia seguinte, já perdido, lembrou-se de ter ficado muito tempo junto à cama, contemplando a moça, mas achou difícil ter praticado a maluqueira que o desgraçou. Como se tinha dado aquilo? Nem sabia. A princípio foi um deslumbramento, a casa girando, ele também girando em torno da mulher, transformado em mosca. Girando, aproximando-se e afastando-se, mosca. E a necessidade de pousar, de se livrar dos giros vertiginosos. A figura de Gaúcho esboçou-se e logo se dissipou, os óculos do homem da loja e os vidros da casa fronteira confundiram-se um instante e esmoreceram. Novas pancadas de relógio, novos apitos e cantos de galo, chegaram-lhe aos ouvidos, mas deixaram-no indiferente, voando. E aconteceu o desastre. Uma loucura, a maior das loucuras: baixou-se e espremeu um beijo na boca da moça. (RAMOS, 1982, p. 35).

Observe-se que, anteriormente ao beijo, uma série de imagens passa pela mente do ladrão, impossibilitado de lidar com a realidade. Seu passado, seus medos, a relação com Gaúcho, seu tutor no mundo do crime, tudo se mescla em meio ao desvario e a uma espécie de tontura. Uma forçada autozoomorfização toma lugar e o ladrão vê-se enquanto mosca, assumindo, assim, posição obviamente inferior à moça que dormia na cama. Vê-se, ao mesmo tempo, aquilo que Cândido (2006) avalia como a rendição às vontades comum nas narrativas de Graciliano, bem como o trágico destino da personagem, que Moisés (2007) já comenta existir desde o primeiro parágrafo da narrativa. Após o beijo, há o grito da jovem, a tentativa de fuga, o espancamento e conseqüente prisão do protagonista. Poder-se-ia argumentar que, segundo a lógica interna à narrativa e parte da crítica social construída por Graciliano Ramos, apenas após essa prisão o ladrão poderá instruir-se nos meios do crime, uma vez que, ao início do conto, é mencionado como a prisão acaba por ser formadora do criminoso, ao invés de reabilitá-lo. Não obstante, note-se que, a partir dessa ponderação, pode-se considerar como o mundo usualmente sombrio das narrativas do autor chega a um círculo fechado e funcional. O sistema rejeita o indivíduo e, após encarcerá-lo para uma suposta recuperação, acaba por apenas transformá-lo em um criminoso pior, agora impossibilitado de ser recuperado. Nenhuma dessas hipóteses é discutida durante o conto, entretanto, tendo em vista as marcas presentes na concisa escrita de Ramos, pode-se ponderar que, no gesto cheio de desvario do ladrão e as conseqüências desse ato, configura-se a última crítica social feita pelo escritor no conto em questão.

Barros ainda escreve que “acreditamos que o gesto tresloucado de beijar a moça possa estar relacionado com a vida precária do protagonista, sendo para ele compensatório se

arriscar com aquele impulso; ou, ainda, demonstra pouca preocupação com o risco de perder a liberdade, pois talvez seu sentimento fosse o de que já não a tivesse” (BARROS, 2010, p. 8). Tendo em vista a primeira hipótese, comenta-se que é pela vontade que o protagonista beija a moça, talvez, novamente, pelo afeto que gostaria de ter e pelo deslumbramento com um futuro possivelmente benéfico. Ganha, momentaneamente, a vida que queria: possui bens, beija a moça e tem um plano definido, pautado em características que ele conseguiria possuir, como as de dono de um café. O plano e o deslumbramento ruem com o despertar da moça, e a indigna situação de pária é confirmada para sempre.

Conclusão

A narrativa de Graciliano Ramos lida, constantemente, com as questões de desigualdade social e injustiça para com o ser humano. Em um linguajar costumeiramente conciso, reflete, de modo pessimista, uma realidade brasileira imbuída de mazelas e contingências sociais que segregavam e excluíaam parte dos cidadãos da nação. Em “Um Ladrão”, tem-se um conto que lida, concomitantemente, com a fome existencial e física, o desvario, a desigualdade, o medo e o deslumbramento. Características que, por vezes, possam soar contraditórias ou impossíveis de serem tratadas juntas, são colocadas na mesma personagem por Ramos com o intuito de humanizá-la e evitar que essa seja vista pura e simplesmente como pária social e criminoso. Evita-se a tipificação do indivíduo e, assim, constrói-se uma protagonista mais densa psicologicamente. A necessidade de encontrar o queijo para comer, em clara metáfora para a fome física, intelectual e existencial do sujeito, aliada à necessidade de beijar a moça que dormia são características que demonstram como o ínfimo, aquilo dado como inútil para alguns, pode tornar-se fulcral para outros. Gimenez vem ao encontro dessa hipótese, quando pressupõe que “decorre daí um inquérito perene, que escava as superfícies e desarmoniza o espírito, sempre vulnerável, aferrando-se às insignificâncias para delas arrancar a semente de sua reflexão (GIMENEZ, 2009, p. 235). O universo de Ramos é de personagens vulneráveis, crivadas por vontades, pelo desequilíbrio aliado à racionalidade, por forças opostas que só podem ser explicadas e compreendidas quando avaliadas no âmago do indivíduo. As insignificâncias tornam-se objeto de avaliação e reflexão, bem como auxiliam no entendimento de quem é o sujeito foco da narrativa em questão. No caso, o queijo e o beijo são reflexos da fome e falta de afeto que o ladrão sentia, mesmo que inconscientemente. Ao parecerem fatores pequenos e secundários, acabam por ser, de fato, os motes fulcrais para compreender como aquele homem pôde cometer furtos e, ao mesmo tempo, perder-se em idealizações.

Destarte, conclui-se que

A sua obra nos toca não somente como arte, mas também (quem sabe para alguns sobretudo) como testemunho de uma grande consciência, mortificada pela iniquidade e estimulada a manifestar-se pela força dos conflitos entre a conduta e os imperativos íntimos. E a seca lucidez do estilo, o travo acre do temperamento, a coragem da exposição deram alcance duradouro a uma das visões mais honestas que a nossa literatura produziu do homem e da vida. (CÂNDIDO, 2006, p. 99).

O homem é desvelado em suas mazelas e suas vontades a partir das narrativas de Graciliano Ramos, e é nesse espaço aparentemente contraditório que suas personagens são construídas. O estilo conciso, aliado ao choque entre vontade e lucidez, provocam, na literatura brasileira, um dos mais ricos embates e questionamentos sobre a existência, em sentido lato, bem como na existência de um sujeito brasileiro, crivado pela desigualdade e por forças políticas e religiosas que não compreende bem. Graciliano Ramos, em “Um Ladrão”, bem como em diversas outras narrativas, dá à literatura um universo pessimista, justamente para que seja possível enxergar a necessidade de mudança e o fato de que, para ser possível encontrar a origem dos problemas, mazelas e da desigualdade em território nacional, é necessário analisar-se mais profundamente as conjunturas sociais brasileiras, a fim de perceber-se que o ladrão de Ramos, símbolo e reflexo do ladrão e do pária, nada mais são que bodes expiatórios, utilizados como massa culpável no país. A origem dos problemas sociais, entretanto, estaria no intrínseco sistema socioeconômico imposto aos indivíduos viventes no Brasil, que, por não reconhecerem essas marcas, permanecem em perpétua fome, em constante deslumbramento.

Fascination, hunger and fear: sides of social exclusion in “A Thief”, by Graciliano Ramos

Abstract: In the following article, one seeks to interpret and analyze the short story “Um Ladrão”, written by Graciliano Ramos and published in his work *Insônia* (1982). In the short story, it is narrated the situation of attempted robbery of a house by a character named only as “thief”. Using commentaries and analysis made by Moisés (2007), Miranda (2013), Barros (2010), Cândido (2006), Gimenez (2009), among others, one attempts to reveal how, in a short narrative, Graciliano Ramos exposes the social inequity suffered by the character, his fascination to beautiful figures and how fear, hunger and intention of change humanize the protagonist and avoid that he is seen only as a bandit, someone to whom law and society must show no compassion.

Keywords: Literary analysis. Graciliano Ramos. “A Thief”. Inequity.

REFERÊNCIAS

BARROS, Maria Luzia Carvalho de. O Canto do galo, o pouso da mosca: esboço de exclusão em Manuel Lopes e Graciliano Ramos. *Revista Crioula*, São Paulo, v. 4, n. 8, p. 1-9, 2010.

CÂNDIDO, Antônio. *Ficção e confissão* – ensaios sobre Graciliano Ramos. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. Solidão e luta em Graciliano. In: BRAYNER, Sônia (org.). *Graciliano Ramos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.

GIMENEZ, Erwin Torralbo. Graciliano Ramos, uma poética da insignificância. *Estudos avançados*, São Paulo, vol. 23, no. 67, p. 231-250, 2009.

MIRANDA, Carolina Izabela Dutra de. Do conto ao romance: inter-relações nas obras de Graciliano Ramos acerca da teoria do ressentimento. *Revista Arredia*, Dourados: MS, Editora UFGD, v. 2, n. 2, p. 26-42, 2013.

MOISÉS, Massaud. *A Análise literária*. São Paulo: Cultrix, 2007.

RAMOS, Graciliano. *Insônia*. 18. ed. São Paulo: Record, 1982.